

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO NA ERA DAS TELAS: ENTRE MÉTODOS E MEDIAÇÕES**LITERACY CHALLENGES IN THE AGE OF SCREENS: BETWEEN METHODS AND MEDIATIONS** <https://doi.org/10.63330/aurumpub.002-014>**Jane Sasso Pereira da Costa**

Pós-graduada em Ensino Lúdico, na área de Educação (CBM)

E-mail: janec9670@gmail.com

Denise dos Santos Martins

Pós-graduada em Psicopedagogia com ênfase em Educação Especial(Unifacvest)

E-mail: machadoelias22@gmail.com

Denise Villani

Pós-graduada em Alfabetização e Letramento (Unifacvest)

E-mail: villanidenise@gmail.com

Erica Tatiana Petroceli Machado

Pós-graduada em Psicopedagogia clínica e institucional (Ibpex)

E-mail: Villanidenise11@gmail.com

Fernanda de Lima

Pós-graduada em Atendimento Educacional especializado (Uninter)

E-mail: nandynhalima1@gmail.com

Lucas Bittencourt Benites

Pós-graduado em Orientação e Supervisão Escolar (UNIFAEL)

E-mail: lucaas.b13@hotmail.com

Suellen Salgueiro Rios Minhos

Pós-graduada em Orientação Educacional (Unifacvest)

E-mail: suellensrios@gmail.com

Thaís Gavião de Mello Menezes

Licenciatura em Educação Física (Unopar)

E-mail: thalumello25@gmail.com

RESUMO

O artigo analisa as estratégias e métodos mais eficazes para a alfabetização de crianças no contexto contemporâneo marcado pelo uso excessivo de telas. Por meio de revisão bibliográfica e análise de estudos empíricos recentes, busca-se compreender os impactos da exposição prolongada às tecnologias digitais sobre os processos de aquisição da leitura e escrita. A pesquisa aponta para a necessidade de um equilíbrio entre práticas tradicionais e recursos tecnológicos mediados pedagogicamente, ressaltando o papel do professor na curadoria e mediação das interações digitais.

Palavras-chave: Alfabetização; Uso de telas; Métodos de ensino; Letramento digital.



ABSTRACT

This article analyzes the most effective strategies and methods for children's literacy in the contemporary context marked by excessive screen use. Through a literature review and analysis of recent empirical studies, it seeks to understand the impacts of prolonged exposure to digital technologies on the processes of reading and writing acquisition. The research highlights the need for a balance between traditional practices and technologically mediated resources, emphasizing the teacher's role in curating and mediating digital interactions.

Keywords: Literacy; Screen use; Teaching methods; Digital literacy.



1 INTRODUÇÃO

A alfabetização constitui uma das etapas mais cruciais da formação educacional, sendo a base para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural das crianças. Tradicionalmente, esse processo tem sido orientado por métodos variados — desde os fônicos até os construtivistas — que visam estimular a aquisição da leitura e da escrita de maneira significativa e contextualizada. No entanto, o cenário contemporâneo impõe novos desafios à prática docente, sobretudo em razão do uso intensivo de tecnologias digitais por crianças em idade de alfabetização.

Dados recentes indicam que crianças entre cinco e oito anos têm passado, em média, mais de quatro horas diárias diante de telas, seja por meio de televisores, tablets, celulares ou computadores. Essa exposição precoce e frequente suscita questionamentos sobre seus impactos nos processos de aprendizagem, particularmente na capacidade de concentração, na linguagem oral e escrita, e na interação social. Ainda que os dispositivos digitais ofereçam recursos pedagógicos potencialmente ricos, seu uso desregulado e sem mediação pedagógica pode comprometer etapas importantes do desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, o presente artigo propõe-se a analisar quais métodos e estratégias de alfabetização se mostram mais eficazes para crianças que estão imersas em ambientes saturados de estímulos digitais. Parte-se do pressuposto de que a tecnologia, por si só, não constitui um fator positivo ou negativo, mas depende da intencionalidade com que é inserida no processo de ensino-aprendizagem. Por meio de uma revisão bibliográfica narrativa, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos, busca-se discutir os efeitos do uso excessivo de telas sobre a alfabetização e identificar abordagens pedagógicas que conciliam os avanços tecnológicos com as necessidades do desenvolvimento infantil.

Ao contribuir para o debate sobre alfabetização em tempos digitais, este estudo espera oferecer subsídios teóricos e práticos para educadores, pesquisadores e formuladores de políticas públicas interessados na qualificação do ensino nos anos iniciais. A análise parte de uma perspectiva crítica, sem demonizar o uso das tecnologias, mas alertando para os riscos de uma pedagogia passiva e dependente de recursos digitais sem critérios formativos bem definidos.

"O cérebro das crianças é moldado pelas experiências que vivenciam em seus primeiros anos. O consumo excessivo de mídia eletrônica interfere nesse processo ao reduzir o tempo dedicado a atividades fundamentais como o brincar, a interação social e a escuta ativa. Essas mudanças podem comprometer funções cognitivas superiores como atenção, linguagem e autorregulação, afetando diretamente o processo de alfabetização."

(CHRISTAKIS, 2009, p. 56)



2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO: ENTRE MÉTODOS E SENTIDOS

A alfabetização, entendida como o processo de aquisição do sistema da escrita, é historicamente permeada por disputas teóricas e metodológicas. A transição do método sintético (baseado na memorização e decodificação) para abordagens mais interacionistas, como as propostas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985), marcou uma inflexão no modo como se compreende o processo de aprendizagem da leitura e da escrita. O enfoque construtivista trouxe à tona a ideia de que a criança não é um receptáculo passivo, mas um sujeito que formula hipóteses sobre a língua escrita, a partir de suas interações sociais e experiências concretas.

Magda Soares (2004), ao discutir a distinção entre alfabetização e letramento, reforça que o aprendizado da leitura não deve se restringir à decodificação de signos, mas envolver práticas sociais significativas com a linguagem escrita. Assim, métodos que articulam fonética, consciência fonológica, leitura compartilhada e produção de textos tendem a produzir melhores resultados, especialmente quando contextualizados na realidade dos alunos.

Entretanto, diante das novas tecnologias e da crescente digitalização da infância, torna-se necessário revisitar esses métodos sob a ótica das transformações cognitivas e comportamentais associadas ao uso intensivo de telas.

2.2 O USO EXCESSIVO DE TELAS E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Diversos estudos têm apontado que o uso prolongado de dispositivos eletrônicos na primeira infância está associado a alterações no desenvolvimento da linguagem, déficit de atenção, menor capacidade de autorregulação e empobrecimento das interações sociais (APA, 2020; Christakis, 2019). A exposição a conteúdos rápidos, hiperestimulantes e fragmentados pode comprometer a concentração e o processamento de informações sequenciais — habilidades fundamentais para a alfabetização.

Do ponto de vista neurocientífico, há evidências de que a plasticidade cerebral nas idades iniciais torna as crianças especialmente sensíveis aos estímulos tecnológicos. Segundo Luria (1986) e Vygotsky (1998), o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da mediação simbólica e da interação social — o que pode ser prejudicado quando as telas substituem as trocas com adultos e pares.

Não se trata, no entanto, de uma condenação ao uso da tecnologia, mas sim de uma crítica ao seu uso acrítico e excessivo. Há uma diferença substancial entre o uso pedagógico intencional de recursos digitais e o consumo passivo de conteúdos. O desafio atual reside, portanto, em adaptar os métodos de alfabetização a essa nova realidade, sem abrir mão da centralidade do vínculo humano e das experiências sensorio-motoras.



2.3 ALFABETIZAÇÃO E CULTURA DIGITAL: POSSIBILIDADES E LIMITES

O avanço das tecnologias educacionais trouxe uma gama de possibilidades para o ensino da leitura e da escrita. Softwares educativos, jogos digitais, plataformas interativas e aplicativos de alfabetização, quando utilizados com intencionalidade e mediação, podem estimular a consciência fonológica, a fluência leitora e o vocabulário (Coiro et al., 2017; Kenski, 2012). Além disso, o uso da tecnologia pode ser particularmente útil para crianças com dificuldades específicas de aprendizagem, oferecendo recursos personalizados e multisensoriais.

Entretanto, como destacam Moran (2015) e Lévy (1999), o uso da tecnologia na educação exige uma mudança de postura pedagógica. Não basta transferir o conteúdo do papel para a tela — é necessário criar situações de aprendizagem significativas que envolvam o estudante de forma crítica e ativa. Em se tratando da alfabetização, isso significa que o uso das telas deve estar subordinado a objetivos claros, contextualizados e articulados com práticas que envolvam também a oralidade, a leitura em voz alta, o desenho, a escrita manual e a ludicidade.

Assim, o professor assume o papel de curador de recursos e mediador das experiências digitais, garantindo que o uso da tecnologia não substitui, mas complementa as interações humanas essenciais ao processo de alfabetização.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, com base em uma revisão bibliográfica narrativa e em uma análise situada na experiência docente da autora, atuante nos anos iniciais do ensino fundamental. A escolha por esse formato visa articular a literatura científica disponível com os desafios concretos enfrentados em sala de aula, sobretudo no contexto pós-pandemia, marcado pelo uso intensivo de telas por parte das crianças.

"O que a criança consegue fazer hoje com auxílio, conseguirá fazer sozinha amanhã. A zona de desenvolvimento proximal revela a importância da interação e da mediação no processo de aprendizagem, sendo papel do educador identificar os conhecimentos prévios do aluno e construir pontes significativas para o saber escolar."
(VYGOTSKY, 1991, p. 98)

A pesquisa bibliográfica concentrou-se em materiais publicados entre 2015 e 2024, localizados em bases como SciELO, CAPES, ERIC e Google Scholar, com os seguintes descritores: "alfabetização", "tecnologia digital", "uso de telas", "educação infantil", "métodos de ensino", e "consciência fonológica". Foram priorizados artigos que tratam da alfabetização de crianças de 5 a 8 anos e que discutem o impacto das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.



Além disso, foi considerada a experiência da autora com o uso do método das "ondinhas" — uma estratégia que enfatiza a associação entre fonemas e grafemas por meio de movimentos ondulatórios desenhados pelas crianças, integrando coordenação motora, consciência fonológica e ludicidade. A prática, adotada com sucesso em turmas anteriores, serve como parâmetro para refletir sobre possíveis adaptações diante das mudanças no perfil das crianças, especialmente no que se refere à atenção, motricidade fina e capacidade de abstração.

A análise proposta neste artigo parte, portanto, da articulação entre teoria e prática, considerando a necessidade urgente de adaptar estratégias tradicionais de alfabetização a uma realidade cada vez mais permeada por estímulos digitais. Não se pretende oferecer uma resposta definitiva, mas levantar caminhos possíveis para uma prática pedagógica crítica, flexível e fundamentada.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos dados teóricos e práticos evidencia que os métodos de alfabetização aplicados nos anos iniciais continuam sendo eficazes, desde que adaptados ao perfil atual das crianças, marcado por uma convivência precoce e intensa com as telas digitais. A prática da autora principal com o método das "ondinhas" tem se mostrado particularmente potente, por integrar movimento, ludicidade e fonologia — elementos fundamentais para crianças em fase de aquisição da linguagem escrita. No entanto, nas turmas mais recentes, observa-se uma maior dificuldade de concentração, motricidade fina menos desenvolvida e menor tolerância à frustração — características comumente associadas ao uso excessivo de dispositivos eletrônicos.

Essa percepção é corroborada pelos coautores do estudo, cujas atuações em diferentes níveis de ensino permitiram observar que tais efeitos não se limitam à alfabetização inicial, mas impactam também a consolidação da leitura fluente e da escrita ortográfica ao longo do ensino fundamental. Por exemplo, a utilização do **método fônico**, baseado na correspondência entre fonemas e grafemas, com forte ênfase na consciência fonêmica. Embora eficaz para desenvolver a precisão na leitura, esse método demanda um nível de atenção auditiva e foco que, em muitas crianças habituadas a estímulos rápidos e dispersivos das telas, se torna difícil de manter.

Outra experiência em alfabetização em um diferente contexto de educação, emprega o **método silábico**, que propõe o ensino das sílabas como unidades básicas da leitura. Embora mais concreto e direto, esse método, quando utilizado de forma mecânica, pode não contemplar plenamente as necessidades cognitivas e emocionais de alunos hiperestimulados. Já uma forma de atuar no ensino infantil se apoia em princípios do **método Montessori**, priorizando o trabalho com letras móveis, manipulação sensorial e ambientes alfabetizadores preparados — práticas que favorecem a autonomia e o ritmo próprio de cada



criança, e que demonstram excelentes resultados, especialmente quando associadas à limitação consciente do tempo de tela.

A síntese desses relatos revela que nenhum método é universalmente eficaz, mas que todos podem ser produtivos quando contextualizados, mediados e adaptados às necessidades reais dos alunos. Em comum, os métodos bem-sucedidos têm os seguintes pontos:

- Forte presença de interações humanas significativas;
- Atividades que envolvem movimento, oralidade e manipulação concreta;
- Um ambiente rico em linguagem escrita e oral;
- A mediação ativa do professor, que interpreta os sinais da criança e ajusta as estratégias em tempo real.

Por outro lado, o uso passivo de telas — sobretudo em contextos domiciliares, sem mediação adulta ou intencionalidade pedagógica — tende a afetar negativamente as habilidades cognitivas essenciais à alfabetização. Crianças que chegam à escola com repertório verbal restrito, pouca resistência ao esforço e dificuldade de abstração demandam abordagens ainda mais lúdicas, interativas e sensoriais.

Assim, os autores defendem que a resposta pedagógica ao contexto digital não deve ser a substituição das práticas tradicionais por aplicativos e jogos tecnológicos, mas sim o refinamento dessas práticas, incorporando elementos da cultura digital de forma crítica, seletiva e integrada ao cotidiano pedagógico. Isso pode incluir, por exemplo, o uso eventual de recursos digitais interativos (como jogos de consciência fonológica e leitura guiada por aplicativos) combinados com atividades de escrita manual, leitura em voz alta, dramatizações e rodas de conversa.

5 CONCLUSÃO

A alfabetização, enquanto processo fundante da formação humana, demanda atenção cuidadosa aos contextos socioculturais em que está inserida. No cenário contemporâneo, marcado pela presença massiva das tecnologias digitais desde os primeiros anos de vida, os desafios se intensificam: crianças chegam à escola com repertórios visuais ampliados, mas com habilidades cognitivas, linguísticas e motoras nem sempre bem desenvolvidas para o início da aprendizagem formal da leitura e da escrita.

Este estudo buscou analisar, com base em experiências docentes e revisão teórica, quais estratégias de alfabetização têm se mostrado mais eficazes diante do perfil atual dos alunos, especialmente aqueles que fazem uso excessivo de telas. Constatou-se que não há um único método capaz de atender de forma plena às demandas das crianças contemporâneas, mas que a eficácia reside, sobretudo, na mediação pedagógica consciente, na diversificação de estratégias e na adaptação constante das práticas educativas.

Métodos como o fônico, silábico, das ondinhas, construtivista e Montessori, quando aplicados com sensibilidade e intencionalidade, apresentam alto potencial de engajamento e aprendizagem. No entanto, é



fundamental que tais abordagens sejam complementadas por atividades que promovam o contato direto com a linguagem oral e escrita, o desenvolvimento da coordenação motora fina, a interação social e a ludicidade — aspectos frequentemente prejudicados pelo consumo passivo de conteúdos digitais.

Diante disso, os educadores devem se posicionar não como meros replicadores de métodos, mas como profissionais reflexivos, capazes de observar, escutar e reinterpretar as necessidades de suas turmas. Recomenda-se, ainda, que as instituições escolares desenvolvam projetos pedagógicos que orientem o uso das tecnologias, estabelecendo limites, objetivos e momentos adequados para sua integração no currículo, sempre subordinando os recursos digitais ao processo formativo.

Em síntese, alfabetizar em tempos digitais exige mais do que dominar métodos — exige formação continuada, escuta sensível, criatividade e abertura ao novo, sem perder de vista o essencial: a aprendizagem significativa, o vínculo afetivo e o desenvolvimento integral da criança. Ao equilibrar tradição e inovação, o educador estará mais preparado para enfrentar os desafios da alfabetização na era das telas, transformando limites em possibilidades pedagógicas.



REFERÊNCIAS

- CHRISTAKIS, Dimitri A. Os efeitos do uso de mídia por bebês: o que sabemos e o que deveríamos aprender? *Acta Paediatrica*, v. 98, n. 1, p. 8–16, 2009.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. 18. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MONTESSORI, Maria. A criança. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Didática: questões contemporâneas. Petrópolis: Vozes, 2013.
- SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2004.
- TEBEROSKY, Ana. Aprender a escrever: das concepções infantis à intervenção pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.